

## UMA MISTERIOSA CHAMA: MEMÓRIA VEGETAL E A CONSTITUIÇÃO DE SI ATRAVÉS DOS QUADRINHOS

### AN MYSTERIOUS FLAME: VEGETAL MEMORY AND THE SELF CONSTITUCION THROUGH THE COMICS

DOI: 10.19177/memorare.v7e12020116-128

Sabrina da Paixão Brésio<sup>1</sup>

**Resumo:** O que a memória vegetal tem a dizer de nós mesmos? Esta é a premissa na qual o presente ensaio se ancora, tomando duas obras de Umberto Eco: seu romance ilustrado *A Misteriosa Chama da rainha Loana* (2005) e a antologia *A memória Vegetal e outros escritos sobre bibliofilia* (2014), das quais destacaremos a presença dos quadrinhos no processo autoformativo do protagonista/autor. Em *A misteriosa chama* é o encontro com uma revista em quadrinhos do Mickey Mouse que fornece o fio de Ariadne, e reaviva uma misteriosa chama no labirinto nebuloso da mente desmemoriada do sexagenário protagonista. Seguiremos com Mickey, Donald, Flash Gordon e Dick Tracy pela juventude vivida em meio à ascensão fascista na Itália, na qual o narrador encarna um duplo do caminho autoformativo do próprio autor.

**Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos. Hermenêutica. Memória.

**Abstract:** What does vegetal memory have to say about ourselves? This is the premise on which the present essay is based, taking two works by Umberto Eco: his illustrated novel *The Mysterious Flame of Queen Loana* (2005) and the anthology *Vegetal Memory and other writings on bibliophilia* (2014), highlighting the presence of comics in the self-formative process of the protagonist / author. In *The Mysterious Flame* is the encounter with a Mickey Mouse comic book that provides Ariadne's thread, and revives a mysterious flame in the hazy labyrinth of the sexagenarian protagonist's mind with no past memory. We will follow with Mickey, Donald, Flash Gordon and Dick Tracy for the youth lived in the midst of the fascist rise in Italy, in which the narrator embodies a double of the author's own self-forming path. Embodies.

**Keywords:** Comics; Hermeneutics; Memory

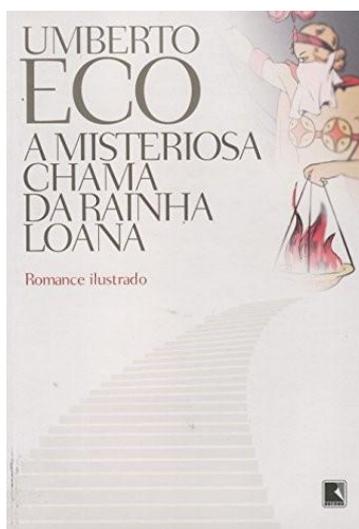
## 1 INTRODUÇÃO

*A memória não é pura passividade, não é mera recepção do que nos traz o mundo.  
É um regaço generoso onde se concebe o fruto da lembrança,  
que virá a ser, um dia, a voz de um passado ainda vivo.*  
(Bosi, A. Entre literatura e a história. 2015, p.33)

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo, mestre pela mesma instituição com a dissertação: *Nas trilhas do herói. Histórias em quadrinhos & itinerários de formação* (2016); pesquisadora do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura); integrante do Lab\_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação e Cultura); presidente da ASPAS (Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial) pelo biênio 2019-2021; roteirista colaboradora no *Gibi Quântico vol. 2* (2016). Contato: sapaixao.hq@gmail.com.

Filósofo, literato, linguista e reconhecidamente um dos principais estudiosos das *mass media*, Umberto Eco é um dos primeiros intelectuais a inserir as histórias em quadrinhos (HQs) na discussão acerca de processos formativos na sociedade, destacando a correlação da criação artística com o consumo e a apropriação simbólica das narrativas em quadrinhos. Nascido na Itália em 1932, Eco viveu sua juventude durante a ascensão fascista, contexto retratado na obra na qual nos debruçaremos. Lançado em 2004, *A Misteriosa Chama da rainha Loana* é definido pelo autor como um *romance ilustrado* e conta com mais de 100 ilustrações, entre desenhos, capas de revistas, quadrinhos e discos, pôsteres de filmes. Toda esta profusão de imagens para dar conta de compor um panorama da história do “breve século XX”, ao qual o protagonista-narrador da obra percorre, em caminho retrospectivo, buscando recompor sua própria vida.

Figura 1 - Capa da edição brasileira. Record, 2005



Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/p/a-misteriosa-chama-da-rainha-loana-808616>

O romance mescla a ficção e a autobiografia intencionalmente mal disfarçada, na qual acompanhamos o narrador, um senhor de mais de sessenta anos, em busca de suas memórias afetivas, perdidas após um coma. Esta obra desperta interesse por conta da costura que Umberto Eco desenvolve entre fatos históricos e construções ficcionais temperadas com seu próprio itinerário pessoal, e a relação de constituição de si através da leitura e do acervo pessoal. Retornando à casa da infância o protagonista Yambo busca reconstituir-se através dos velhos gibis, revistas e discos, remexendo baús e armários cerrados há mais de 40 anos, compondo um panorama que vai da década de 1930 ao final da década de 1940.

## 2 UMA MISTERIOSA CHAMA

Giambattista Bodoni, um livreiro sexagenário de Milão, sofre um AVC e desperta de um estado de coma. Ele consegue se recordar de passagens inteiras de suas poesias prediletas, referências a obras raras, acontecimentos políticos. Mas não consegue se lembrar de seu nome, ou reconhecer sua esposa e filhas, ou de qualquer momento de sua infância. Ele perdeu sua memória biográfica, mas não sua memória semântica.

Após receber alta do hospital Yambo, apelido pelo qual é conhecido, retorna a sua casa em Milão e busca junto a esposa mecanismos para recompor sua memória. Uma das propostas da esposa é empreender caminhadas pelo centro da cidade, buscando despertar memórias afetivas destes trajetos recorrentes. Nestes passeios, nenhuma lembrança pessoal é ativada, apenas fatos históricos e passagens poéticas por ele decoradas, além de desagradáveis encontros com pessoas das quais ele não se lembra. Em uma destas caminhadas, Yambo se depara com a primeira pista:

“Selos e cartões telefônicos, não, mas me interessavam os velhos jornais. Coisa da nossa infância, disse Paola. E eu: “Então, deixa para lá”. Mas a certo ponto vi um álbum do Mickey. Peguei-o instintivamente. Não devia ser velho, era uma reimpressão dos anos setenta como se deduzia pelo verso da capa e o preço. Abri na metade: “Não é um original, porque eles eram impressos em duas cores, com esfumaturas de vermelho tijolo e marrom, e esse é impresso em branco e azul.”

“Como é que você sabe?”

“Não sei, só sei.”

“Mas a capa reproduz a capa original, veja a data e o preço. 1937, 1,50 liras.” *O tesouro de Clarabella*, destacava a capa de várias cores.

“E erraram a árvore”, disse eu.

(...)

“Mas como você pode saber tudo isso?”

“Todo mundo sabe, não?”

“Não, claro que nem todo mundo sabe”, disse Paola excitada. “Essa não é a memória semântica. Essa é a memória autobiográfica. Você lembrou de uma coisa que o impressionou quando era criança! E o que o evocou foi a capa.”

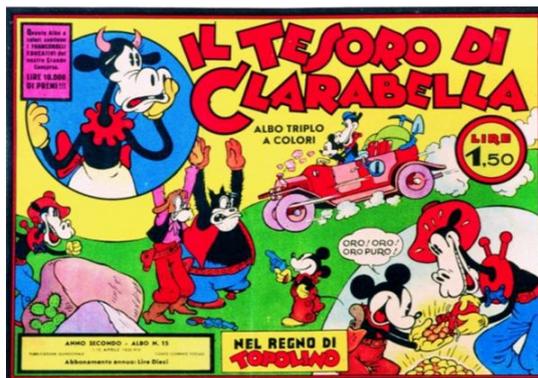
“Não, não a imagem. Talvez o nome, Clarabella.”

“Rosebud”.

(ECO, 2005, p.73-74)

O tesouro de Clarabella trata de uma simples história em que Mickey e Horácio buscam um tesouro enterrado pelo avô de Clarabella, seguindo um velho mapa. Mas este simplório quadrinho, reencontrado ao acaso em uma feira de antiguidades e quinquilharias, despertou a fagulha da memória autobiográfica de Yambo. A misteriosa chama começa a se manifestar e, empreendendo uma busca por si, parte para a casa de campo da família onde viveu sua infância, onde sabe que seu avô também deixou um tesouro: caixas e mais caixas com livros, cadernos, revistas e outros objetos guardados há quase meio século, no sótão.

Figura 2 - Capa do gibi *O tesouro de Clarabella*. s/d.



Fonte: <https://lucaboschi.nova100.ilsole24ore.com/2016/10/22/un-evento-imminente-sui-fumetti/>

Este romance divide-se em três partes: *O acidente*; *Uma memória de papel*, e *OI NOΣTOI* (do grego: o Retorno ou Voltando para casa<sup>2</sup>). O desenvolvimento narrativo da obra enquadra-se nas concepções pós-modernas de romance, onde o narrador-personagem nos guia por uma sinuosa narrativa, conversando com o leitor, tecendo conjecturas sobre acontecimentos, reconstruindo fatos do passado, sem preocupar-se com qualquer desenvolvimento cronológico, ou desfecho conclusivo. Ao terminar a leitura, o leitor desavisado pode frustrar-se com a aparente inconclusão do enredo, com a brusquidão com que somos lançados em um turbilhão de citações, referências e delírios, onde Mandrak, Flash Gordon, Imperador Ming contracenam com Diana Palmer e Cyrano de Bergerac. Deste modo:

Quando pensamos na estrutura tradicional da narrativa, remetemo-nos a um quadro que preserva o fio estrutural e se prende à sucessividade dos fatos. A prosa contemporânea pressupõe uma estrutura na qual os fatos são emaranhados de tal forma que ocultam os elementos sucessivos, formando novas relações na rede textual. (FERRARI, 2011)

Esta é uma definição perfeitamente cabível a obra de Eco, na qual o leitor vai seguindo este velho mapa da memória fragmentada do personagem, em um quebra-cabeças repletos de discos, revistas femininas da década de 1930, histórias em quadrinhos, literatura fascista e uma figura feminina etérea aparentemente inalcançável que porta a centelha de uma chama. Ao final, percebemos que a frenética busca de Yambo se concentra sobretudo em tentar lembrar o rosto de seu primeiro amor, e que esta é a verdadeira chama da rainha Loana.

Chegando a Solara, casa de campo da família onde Yambo passara a infância e juventude, ele inicia sua exploração pelos quartos fechados, esmiúça armários, caixas, estantes, até amotinar-se no sótão. Interessante que o escritor defina o sótão como espaço ideal para o reencontro com as memórias esquecidas, onde a misteriosa chama irá luzir. O filósofo fenomenologista Gaston Bachelard discorre sobre a simbologia da casa e sua relação com a constituição de imagens e lembranças do passado, na

<sup>2</sup>. OI NOΣTOI [http://eco.ids-mannheim.de/wiki/The\\_Mysterious\\_Flame\\_of\\_Queen\\_Loana\\_Chapter\\_15](http://eco.ids-mannheim.de/wiki/The_Mysterious_Flame_of_Queen_Loana_Chapter_15). Acesso em 30/09/19.

qual o sótão se relaciona com a busca racional da organização da memória, em oposição ao porão, espaço correspondente ao obscuro e reduto das imagens de medo do inconsciente. O retorno a primeira casa vivida, neste termo, é uma grande metáfora do retorno ao primeiro cosmos do sujeito, o primeiro espaço de socialização organizado, no qual se constroem as lembranças e imagens de infância:

Por que a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, nosso primeiro universo. E um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo. [...] A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, a união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. (BACHELARD, 1993, p.24-25)

Após passar dias cerrado no espaço do sótão vasculhando fragmentos de seu passado, Yambo por fim descobre uma passagem secreta, uma porta que foi emparedada há muito. Conseguindo acessar o cômodo, se depara com uma parte da casa da qual não se recordava: uma antiga capela. E nesta capela há uma série de quadrinhos, revistas e outros materiais, que logo percebe que foram escondidos por ele próprio ali, ainda na infância. É neste espaço sagrado de sua memória pessoal que encontra a revista com a história da rainha Loana. Ao reler, se dá conta de como é uma história “boba”, fraca em seu enredo. Mas ao questionar-se por que ela lhe causou tanto fascínio ao ponto de ter sido guardada, ele diz:

Em resumo, uma história bobíssima. [...]. Você lê quando criança uma história qualquer, depois a faz crescer na memória, transforma, sublima e acaba elegendo como mito uma história desprovida de qualquer substância. De fato, o que fecundara minha memória adormecida não era, evidentemente, a história em si, mas o título. Uma expressão como a *misteriosa chama* enfeitiçara-me, para não falar no doce nome de Loana, embora na verdade não passasse de uma lambisgóia mimada fantasiada de devadássi. [...]. Vivi todos os anos da minha infância- e talvez até depois- cultivando não uma imagem, mas um som. Esquecida a Loana “histórica”, continuei a seguir a aura oral de outras chamas misteriosas. E anos depois, com a memória revirada, reativei o nome de uma chama para definir o brilho de delícias esquecidas. (ECO, 2005, p.253)

Percorrendo estes labirintos de papel, repletos de névoa e sombras do passado, guiados pela chama da misteriosa Rainha Loana, esta personagem de rosto encoberto, nos damos conta de que Yambo está a buscar o rosto de sua Loana, a primeira amada, Lila Saba, figura da qual ele recorda por poemas e passagens, mas que não consegue lembrar o rosto.

Figura 3 - Capa do gibi *La misteriosa Fiamma della regina Loana*, que dá nome à obra. 1934.



Fonte: <http://www.artribune.com/wp-content/uploads/2016/02/Cino-e-Franco-La-misteriosa-fiamma-della-regina-Loana-1934.jpg>

A jornada órfica de Yambo pela imagem da adolescente Lila Saba o conduz, e ao leitor, de volta à década de 1940, ao movimento fascista, a Segunda Guerra Mundial, e como este contexto interveio na fruição da juventude, da liberdade e do amor, a partir de uma memória externa ao protagonista, preservada com algum cuidado pelo avô, criando um pequeno mundo ao qual ele pode retornar e se re-conhecer.

### 3 MEMÓRIA VEGETAL

No artigo que abre a coletânea *A memória vegetal*, Eco trata sobre três tipos de memória: a *memória orgânica*, que corresponde aos registros cerebrais, partindo das experiências vividas, transmutadas em mitos e histórias; a *memória mineral*, com a invenção da escrita e o registro da memória orgânica em argila, pedra e atualmente nos computadores ( neste item ele inclui também a arquitetura como reduto da memória mineral); e por fim o que ele define por *memória vegetal*, dada matéria prima dos papiros e do papel, mas também pela etimologia dos termos *biblos* e *liber*, que remetem à casca de árvore (ECO, 2014, p. 15). Esta memória vegetal, segundo o autor, representava “uma porção de memória, até coletiva, mas selecionada segundo uma perspectiva individual” (Idem), onde a leitura é paradoxalmente um diálogo com quem não está presente:

Hoje, os livros são nossos velhos [...]. Pedimos a eles que nos deem mais memória do que aquela que a brevidade da nossa vida nos permite acumular. [...] É através da memória vegetal do livro que podemos recordar [...]. Naturalmente os livros podem nos induzir a recordar inclusive muitas mentiras. [...] O livro é um seguro de vida, uma pequena antecipação de imortalidade. Para trás (infelizmente), não para a frente.  
(ECO, 2014, p. 16-17)

Tendo esta clareza quanto as potencialidades da memória guardada nos livros, Eco desenvolve um romance no qual toda a busca pela constituição de si se dá na união das três memórias. Yambo perdeu sua memória autobiográfica, mas a memória orgânica resguardou um sem número de citações e fatos históricos, reduto de uma memória vivenciada coletivamente por seus contemporâneos. A memória mineral lhe fornece pistas através de discos de vinil que quando tocados novamente, libertam as vozes adormecidas nas décadas de 1930 e 1940, com cantigas juvenis e hinos fascistas. A arquitetura de Solara, seu sótão, suas passagens secretas, os móveis, evocam passagens da infância. Contudo, é na memória vegetal que Yambo começa a se re-compor, a se re-conhecer. Como dito, são as histórias em quadrinhos a primeira chama que ilumina o labirinto escuro das memórias:

As estantes da capela continham, não encadernados, mas dispostos em pilhas ordenadas, as revistinhas e álbuns de quadrinhos da minha infância. Não era coisa do meu avô, as datas começavam em 1936 e terminavam em 1945. Talvez, como imaginei ao falar do assunto com Gianni, meu avô fosse um homem de outros tempos, preferindo que eu lesse Salgari ou Dumas. E eu, para reafirmar meu direito à fantasia, mantinha aquelas coisas fora de seu alcance. [...]. De fato, na primeira pilha estavam alguns anos do *Corriere dei Piccoli* e os números de 1936 tinham os dizeres “Ano XXVIII”- não da Era Fascista, mas da fundação. [...]. Mas eram certamente americanas as paisagens nas quais se moviam o Gato Félix, os moleques coloniais de Os sobrinhos do Capitão, Happy Hooligan, Panfúncio e Marocas [...]. Mas foi justamente em alguns exemplares de *Mickey*, que pude discernir os acontecimentos de 1941, quando, em dezembro, Itália e Alemanha declararam guerra aos Estados Unidos. [...]. Como era evidentemente difícil mandar um punhado de SS ou Camisas Negras para ocupar Nova York, começaram alguns anos antes com a guerra aos quadrinhos e desapareceram com os balões substituídos por legendas sob os desenhos. Depois, como vi em outras revistinhas, havia tempos tinham sumido no nada os personagens americanos, substituídos por imitações italianas e por fim, creio que foi a última e dolorosa barreira a ser superada, Mickey foi assassinado. De uma semana para a outra, sem nenhum aviso, a mesma aventura do Mickey continuava como se nada tivesse acontecido, mas o protagonista agora era um tal de Toffolino, humano, não mais animal, sempre com quatro dedos na mão como os animais antropomórficos de Disney, e seus amigos continuavam a se chamar Minma, em vez de Minnie, e Pippo. (ECO, 2005, p. 227; 228; 233; 234)

Os quadrinhos já são, há tempos, propostos como ferramenta pedagógica, instrumentalizados ilustrativamente em materiais didáticos e exames escolares. Contudo, por vezes peca-se ao não compreendê-lo em sua totalidade semântica e artística, quando não se empreende uma leitura aprofundada dele enquanto memória vegetal. O próprio Eco chama a atenção para este item em *A memória vegetal*, quando trata da preservação de acervos e do colecionismo como meios de salvaguardar a memória vegetal (2014, p. 24-25):

Vejam, portanto, como até um colecionismo modesto e não bilionário pode contribuir para a conservação de um imenso patrimônio de memória vegetal. Mirem-se no exemplo dos colecionadores de histórias em quadrinhos, que protegem sob invólucros de plástico velhos álbuns impressos em papel vagabundo, constituindo um arquivo de uma literatura frequentemente menor, muitas vezes até péssimas, mas que deve permanecer ao menos como documentos de costumes.

Quando o protagonista lê, através dos quadrinhos, toda uma época, ele nos demonstra as potencialidades das HQ como fonte histórica, como reduto de uma memória coletiva e como caminho possível para compreender nosso processo auto formativo. Neste caso, a guarda destes materiais não constitui apenas um acervo qualitativo, com grandes obras relevantes para a linguagem, ou um acervo voltado apenas ao colecionismo ou à um investimento financeiro, mas também à uma curadoria afetiva, através da qual o objeto-livro é tão fundamental em sua forma ou conteúdo como pelas experiências afetivas com as quais está relacionado, em nível pessoal; bem como em sua significância histórica e antropológica, compondo o acervo da memória coletiva. *A misteriosa chama da Rainha Loana* é definido pelo autor como um romance ilustrado justamente porque ele faz questão de introduzir uma miríade de imagens que, além de reforçarem a narrativa do protagonista, compõe um panorama iconográfico da primeira metade do século XX, que fizeram tanto parte do processo formativo do narrador e do autor, como ilustram uma breve história iconográfica das mentalidades, através das produções da *mass media* durante a Itália fascista. São capas de discos, cartazes de filmes, propagandas e revistas de época, que demonstram tanto o desenvolvimento técnico e tecnológico do período, como marcam mudanças na moda, no design, e principalmente, como o discurso político se apropriava destes veículos comunicacionais. Reencontrando-se com seus livros e cadernos escolares, Yambo se depara com os vieses da educação totalitária, na qual uniformizava-se um pensamento patriótico:

E eu, eu, como vivia essa Itália esquizofrênica? Acreditava na vitória, amava o *Duce*, queria morrer por ele? Acreditava nas frases históricas do Chefe que o professor ditava: é o arado que traça o sulco, mas é a espada que o defende; seguiremos firmes, se avanço, sigam-me, se retrocedo, matem-me? Encontrei uma redação feita em sala de aula, num caderno da quinta série primária, 1942, Ano XX da Era Fascista: Tema-“Jovens, deveis ser por toda a vida a guarda de nova heroica civilização que a Itália está criando” (Mussolini). [...]. Eu realmente acreditava ou repetia frases feitas? O que diziam meus pais quando trazia tais textos, com ótimas notas, para casa? (ECO, 2005, p.206-207)

Esta passagem é um exemplo de como Eco entremeia suas experiências pessoais com a construção da protagonista Yambo e suas reminiscências. Em ensaio intitulado *O fascismo eterno*, o autor reafirma como era difusa a compreensão do que se passava na Itália, para uma criança imersa no processo de ascensão fascista, em uma situação semelhante a que Yambo relata:

Em 1942, com a idade de dez anos, ganhei o primeiro prêmio da Ludi Juveniles (...). Tinha trabalhado com virtuosismo retórico sobre o tema: “Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto. [...] Em abril de 1945, a Resistência tomou Milão. Dois dias depois os resistentes chegaram à pequena cidade em que eu vivia. (...). Alguns dias depois vi os primeiros soldados americanos. Eram afro-americanos. O primeiro ianque que encontrei era um negro, Joseph, que me apresentou às maravilhas de Dick Tracy e Ferdinando Buscapé. Seus gibis eram coloridos e tinham um cheiro bom. [...]. Em maio, ouvimos dizer que a guerra tinha acabado.

A paz deu-me uma sensação curiosa. Haviam me dito que a guerra permanente era a condição normal para um jovem italiano (1998, p. 29; 30;31)

Com a ascensão de Mussolini em 1922 como primeiro ministro, o ideário fascista passa a ser introduzido nas diversas instâncias sociais, com claro objetivo de formação política das massas dentro da ideologia do partido. A esfera escolar é considerada um dos baluartes para a consolidação dos ideais fascistas. Contudo, quando chega ao poder, o partido não possuía um projeto educacional definido e em outubro de 1922 o idealista Giovanni Gentile é nomeado para o Ministério da Instrução Pública. De 1923 a 1925, Gentile determina uma reforma administrativa e didática, reduzindo cargos de fiscalização, centralizando os poderes reguladores aos diretores escolares, enquanto prega a autonomia pedagógica do docente. Suas reformas atuaram nos ensinos primário, secundário e superior, causando levantes e greves em diferentes setores da instrução pública.

Em 1926 é criada a *Opera Nazionale Balilla*, com o objetivo de instruir meninos de 6 a 18 anos (passaram a aceitar meninas a partir de 1929<sup>3</sup>), com participação obrigatória, e que visava transmitir e formar os futuros soldados da pátria fisicamente, mentalmente e moralmente. Segundo Cristina Rosa:

Antes de 1935, as atividades da ONB aconteciam nas escolas públicas, onde os alunos recebiam dos instrutores lições de educação física e de cultura fascista. A partir de 1935, as atividades se concentraram nos sábados, chamado de Sábado Fascista, e eram realizadas na Casa del Balilla [...]. A educação da juventude idealizada por Ricci seguia o lema: Libro e Moschetto, que consistia em formar moralmente e fisicamente cada membro e menina pertencente à organização. [...] Fascismo desejava construir um “novo homem”, cujos ideais e valores morais se distanciavam do individualismo exaltado pelo liberalismo. Assim, esperavam que o “novo homem” fascista internalizasse as seguintes qualidades: coragem, virilidade, respeito à hierarquia, disciplina, força, vontade. Todas eram qualidades militares e masculinas, que ao serem absorvidas fariam dos jovens e das crianças bons soldados, bons pais de família, bons maridos, bons trabalhadores e seguidores fiéis do Fascismo. (ROSA, 2009, p. 626-627)

Através da arqueologia da memória de Yambo, esmiuçando a memória vegetal preservada em Solara, o autor constrói não apenas o que pode ter sido a juventude de um personagem, mas o panorama histórico de uma época e como os veículos comunicacionais desenvolviam estratégias de censura e de aproximação com a juventude. Estão presentes os hinos entoados pelos *Balilla* e pela Juventude Fascista, as canções que exaltavam a beleza casta das mulheres italianas, e os cartuns que satirizavam o inimigo.

Figura 4 - Ilustração de A. Della Torre para material escolar II livro dela IV classe elementare

<sup>3</sup>. Citado por ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. 2009.p 625.



Fonte: ECO, 2005, p.184

Percebe-se que o autor elabora uma narrativa no romance que explicita este contexto histórico e sua correlação com as produções populares às quais tinha acesso. Através de sua profusa narrativa, Eco tece uma tapeçaria de fatos que compõe a ascensão de um governo totalitário, suas medidas de controle, valendo-se da modernidade viva das *mass media*, das quais o rádio e o cinema terão papel substancial, ao mesmo tempo em que a imprensa escrita sofre graves sanções e censura, como a memória vegetal preservada em Solara nos permite vislumbrar:

Senti-me quase em casa ao encontrar os álbuns do Fantasma [...]. De modo que, depois ou ao mesmo tempo que vinhetas e canções que ensinavam como submeter os bárbaros e ferozes abissínios, encontrei um herói que vivia fraternalmente com os pigmeus bandar e com eles combati os colonialistas malvados [...]. E herói burguês era também o Agente Secreto X9, que não perseguia os inimigos de um regime, mas bandidos e barões ladrões, sempre em socorro dos contribuintes. [...]. Mais lido que todos os outros, a julgar pelo estado periclitante do meu exemplar, o *Mickey jornalista*: era impensável que o regime deixasse passar uma história sobre liberdade de imprensa [...]. Lia os livros escolares e os quadrinhos, e provavelmente era nos quadrinhos que construía, como muito esforço, uma consciência civil. (ECO, 2005, p.239; 240;241;242)

E se voltássemos a questão a nós mesmos, leitores participantes deste diálogo? Como formamos uma consciência civil? Ou moral, ou ética? Quais leituras de mundo nos alimentaram para que moldássemos um conjunto de valores que nos define e a nossa relação com o mundo, com a História? Em curtíssimo artigo de opinião sobre o livro *Batismo de Sague*, de autoria de Frei Betto, Alfredo Bosi trata sobre a memória e o memorial, como uma *forma de uma História* bem mais rica e contraditória<sup>4</sup>, um tempo de lembrar, como reação ao esquecimento e a inconsciência. Aqui selecionamos uma obra que mescla, através do fazer literário, esta forma de se fazer História, tendo

<sup>4</sup>. Bosi, 2015, p.335, grifos no original. Neste texto o autor define a obra de Frei Betto como uma narrativa memorial acerca das lembranças do tempo vivido e da morte de Carlos Mariguella. Ele exalta o movimento de escrita de memórias, que retratam fatos acerca dos tempos da Ditadura, e aponta as funções purificadora e humanizadora da memória.

a memória e o memorial enquanto meios organizadores de uma consciência individual, parte de uma consciência coletiva.

#### 4 A CHAMA DE UM PASSADO VIVO

*A memória que o livro transmite, por assim dizer, de propósito, acrescenta-se a memória da qual emana, enquanto coisa física, o perfume da história de que ele está impregnado. (ECO, 2014, p.20)*

Como podemos nos conceber sem um contexto? E como este contexto nos contar sobre nossa concepção de sociedade, sobre nosso processo formativo? A antropóloga e pesquisadora sobre leitura Michèle Petit, destaca esta potencialidade que a literatura exerce sobre nossa memória afetiva:

Por extensão, o que as pessoas descrevem, qualquer que seja sua origem social, quando evocam as leituras importantes de suas vidas, muitas vezes é o seguinte: de tempos em tempos, uma frase nos lê, nos dá notícias nossas. Desperta nossa interioridade, põe em movimento nosso pensamento. (PETIT, 2013, p.110)

Tomando o leitor como metáfora, Alberto Manguel discorre sobre três modos de ser leitor, ou melhor, de se relacionar com a leitura. A primeira é a do leitor como viajante: sendo o mundo como um livro, a leitura torna-se viagem; sendo a leitura uma viagem, ela passa a ser itinerário e o leitor é convocado a viajar junto do autor, tendo a obra como um mapa de lugares a se desbravar. Sintetizando sua ideia, ele declara “O livro é um mundo através do qual podemos viajar, porque o mundo é um livro que podemos ler” (2017, p.46). Assim é a ação da memória vegetal enquanto fonte histórica. Se são funções da História despertar esta memória e consciência adormecidas na produção material e imaterial, lançar novas chamas sobre as mesmas memórias vegetais abandonadas nos sótãos do esquecimento, é necessário que ela incorpore, além dos mapas canônicos de livros clássicos, também as trilhas que enveredam por quadrinhos em papel jornal amarelados, enquanto território tão fundamental quanto qualquer outro na formação da experiência humana.

Yambo parte em busca de si, e recompõe não apenas os percursos de sua vida, como também toda uma época, com seus movimentos políticos, sociais, culturais. Umberto Eco demonstra grande clareza quanto a esta inter-relação entre o sujeito e seu *locus* social, e quando se debruça sobre as produções culturais contemporâneas, destaca a simbiose entre o indivíduo e as redes comunicacionais da *mass media*. Ao captar os fragmentos de sua memória biográfica, através de quadrinhos, canções, revistas, cadernos escolares, discos, Yambo não recompõe apenas seu passado mas, ao mesmo tempo, traça a trilha de sua formação para compreender quem ele é naquele momento, quem ele se tornou, que vida viveu e que escolhas realizou para tornar-se quem é neste instante, com 60 anos:

De repente, a busca a que me dedicava naqueles quartos assumia um outro valor. Não era apenas a tentativa de recordar o que acontecera antes de deixar Solara, mas também de compreender por que fiz o que fiz depois de Solara. (ECO, 2005, p. 110)

Umberto Eco tinha clareza quanto ao peso conceitual que as produções da *mass media* detinham na constituição social e histórica. Foi um dos primeiros defensores de uma visão mais crítica acerca das produções em quadrinhos, rádio e televisão, como demonstra em *Apocalípticos e Integrados*, lançado em 1964. Se nesta obra ele defende um olhar mais crítico e menos fatalista quanto às produções midiáticas, *A memória vegetal* constitui-se como uma defesa da leitura, do livro e do acervo como partes fundamentais da manutenção de uma memória coletiva, atemporal. E em *A misteriosa chama da rainha Loana* o autor projetado em seu narrador bibliófilo demonstra como nós, enquanto indivíduos, nos constituímos destas produções midiáticas e qual o grau de enraizamento delas na formação da pessoa, em sua personalidade, nas relações interpessoais e na compreensão histórico-social de uma época.

Em se tratando de histórias em quadrinhos, a que patamar Yambo/Eco elevou as HQs enquanto constituintes do sujeito, ao fazê-las tão protagonistas quanto o narrador. Ainda hoje, a despeito da amplitude que as produções em quadrinhos alcançaram, desdobrando-se em múltiplos produtos intermediários e ressignificando o lugar do colecionismo, o caminho para que figurassem dentre os “legítimos” objetos de estudo nas Ciências Humanas ainda está se trilhando. Na obra aqui abordada, interessa-nos sobretudo a belíssima costura feita entre a vivência, a memória e as HQs.

Quando tratamos de processos auto formativos partindo das histórias em quadrinhos, um pequeno questionário é inerente: qual foi o primeiro quadrinho que você leu? Que memórias possui dele? De que modo percebe que este gibi contribui com seu itinerário? É com estas respostas que podemos trazer a luz as lembranças, experiências e histórias de vida que nos constituem enquanto sujeitos, e como as histórias em quadrinhos podem ser nossas *madaleines*, nosso *Tesouro de Clarabella*.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2015.

ECO, U. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. **A misteriosa chama da rainha Loana**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

FERRARI, S. **Estrutura narrativa na pós-modernidade.** Comunicação apresentada durante o XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0582-1.pdf>. Acesso em 20/12/2016.

MAGUEL, A. **O leitor como metáfora:** o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

PETIT, M. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROSA, C. **Pequenos soldados do Fascismo:** a educação militar durante o governo de Mussolini. Artigo publicado na Revista Antíteses, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 621-648. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em 20/12/2016.

**Submetido em: 27/10/2019. Aprovado em: 02/04/2020.**